

A vitória da colcha de retalho parlamentar, auto-denominada Centrão, que objetiva a mudança do regimento interno na votação dos dispositivos da Constituição em elaboração, não causa surpresa. A composição do Congresso e, assim a Assembléia Nacional Constituinte, tinha uma nítida coloração conservadora que já era evidente logo após a abertura das primeiras urnas em 16/11/1986. Aliás, eram previsíveis os resultados daquelas eleições, visto que as forças conservadoras despejaram quantidade de recursos jamais vista na história eleitoral do país e demonstraram a eficácia do processo de sensibilização instrumentalizado através dos veículos econômico-financeiros, que resultou na eleição deste Congresso que sepultará o país. E, se houver eleições gerais, ou parciais em 1988, o processo deverá se repetir e a sepultura se tornará um pouco mais funda, pois as mesmas forças que articularam o Centrão — a UBE (União Brasileira de Empresários), a CNI (Confederação Nacional das Indústrias), a FNLI (Frente Nacional da Livre Iniciativa), a UDR (União Democrática Ruralista), a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e agora com a contribuição desta nova mutação siglada MDU (Movimento Democrático Urbano), entrarão em cena, não apenas com recursos financeiros, mas provavelmente alguns até com táticas nitidamente paramilitarísticas para reverter a ordem natural da democratização do país, do avanço social e finalmente do processo para uma mais equitativa distribuição de renda.

O surgimento do Centrão delinea bem a aglutinação das forças conservadoras fisiológicas, com as forças ideológicas, porém não menos fisiológicas. Procura-se a formação de um novo bloco

semelhante ao descaracterizado PMDB atual, porém mais retrógrado, mais fisiológico e mais distante da sociedade e dos seus anseios. Da mesma forma que o PMDB implodiu com a limpeza fina, perpetrada pelo senador Mário Covas, ao obrigar os peemedebistas a se definirem na votação para a mudança do regimento, separando os autênticos dos híbridos, o novo "PMDB" travestido de Centrão tenderá a implodir com a votação do primeiro dispositivo que venha a contrariar interesses setoriais, ou setoriais. Neste momento a coesão do Centrão tem a exata dimensão de força da sua coerência e consistência, que são muitos zeros à esquerda (desculpe o trocadilho). Porém, a consistência e a coerência não se constroem através de alianças de conveniência ocasional. Vejamos do que é composto o Centrão — Delfim e Amaral Netto, do sarcófago PDS, A.C.M., José Lourenço e Lobão do PFL, Santana, Cardoso Alves, Flúza e, acreditem se quiser, o Gérson Camata! Aquele que desafiou o Figueiredo e depois afinou, todos do PMDB e outras pérolas do gênero. O fermento que conseguiu fazer a massa do Centrão levedar, foram justamente os levedos UBE, CNI, FNLI, UDR e Fiesp. Uma vez atendido os interesses dos agentes catalizadores — o empresariado conservador — o Centrão deixará de ter razão de ser e com a mesma velocidade que ele foi formado entrará em processo de decomposição, mesmo tentando manter as aparências.

O confronto e a posterior vitória do Centrão teve um grande mérito, pois exigiu o posicionamento de cada parlamentar peemedebista e aqueles que se desvincularam do programa do PMDB, posicionando-se contra a orientação da liderança, afastaram-se, não apenas do programa do partido, mas da sociedade,

pois ela não abre mão dos avanços sociais conquistados até agora, na Comissão de Sistematização, mesmo reconhecendo que há necessidade de pequenos reparos no projeto. Pior ainda, 86% da população brasileira exige eleições diretas para 88, pelo menos a nível presidencial e paradoxalmente, no Centrão, há uma mesma percentagem com pré-disposição a permutar os cinco anos de mandato para o atual inquilino por uma fatia expressiva do poder e a fenda que existia virou um abismo, tal a distância entre as aspirações da sociedade e os interesses individualistas das peças do Centrão.

Porventura o Centrão obtiver êxito em modificar a essência social do projeto da Comissão de Sistematização, imediatamente após a promulgação desta versão Centrão da Constituição, haverá, inevitavelmente, uma reaglutinação das forças políticas no sistema partidário e o PMDB sobrevivente será mais enxuto, mais coerente e consistente — separado do joio que juntamente com o PFL e o Poder Central teve um papel fundamental em levar o país ao caos absoluto — emergindo como uma força de centro-esquerda voltada ao social para iniciar uma difícilíssima nova etapa na tentativa de reconstruir o país dos escombros, pautado no modelo social-democrático, com o objetivo de elaborar uma verdadeira nova Constituição. Por outro lado, se o Centrão vir a implodir mesmo antes do término da elaboração da Constituição, o que não é de todo impossível, e não atingir seu objetivo de voltar o relógio sócio-econômico muito para atrás e se o Todo-Poderoso, na sua infinita compaixão, abençoar o país com eleições diretas para 88, da mesma forma será importante a ruptura do PMDB, pois a definição de uma vertente ideológica,

lúcida, clara e límpida, acima dos interesses e conveniências ocasionais, é fundamental para se construir um grande partido, sem o qual não seria possível reconstruir o nosso país.

Na realidade, o confronto provocado pelo Centrão e pela estratégica retirada do PMDB, liderado pelo senador Mário Covas, deixou àqueles que optaram pela convivência com o que existe de pior na política do país a única opção: a de assumirem o fisiologismo e, por consequência, o Centrão. Finalmente se clareia o quadro político partidário; com o afastamento daqueles que optaram pelo Centrão, o PMDB poderá agora voltar ao seu programa partidário originário, afastado do governo, mesmo porque os autênticos peemedebistas nunca tiveram uma participação significativa no atual governo. De agora em diante, o Centrão, que na realidade sempre esteve no poder e pôr isso mesmo o Lobão articula um mandato de cinco anos, pode continuar no poder praticando os desmandos, mas terá de assumir a responsabilidade sozinho. O atual governo não é o PMDB autêntico, mas sim o fisiológico somado ao PFL clientelista e o Poder Central, todos mestres em política rasteira, este é o governo e ele não tem nada a ver, com o PMDB das 'Diretas-já', com aquele PMDB que ousou desafiar as baionetas, aquele PMDB do povo! O governo pode ser sintetizado nesta equação final: Centrão = PMDB fisiológico + PFL + Poder Central (PDS, PL, PTB etc., estão, lá, nem eles sabem bem por que), mas esta equação é de sustentação efêmera, mesmo porque não se pode somar bananas, goiabas e laranjas.